

Enxergando virtudes

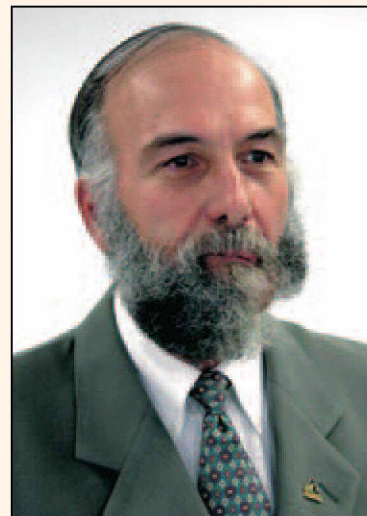
Uma coisa curiosa em nós, humanos, é a preocupação em olhar os próprios defeitos e os dos outros. Estamos cada vez mais nos contaminando por essa admiração aos exemplos negativos que nos bombardeiam todo santo dia pela mídia e pelos fofoqueiros de plantão. É a exacerbação do mundo do menos em detrimento do mundo do mais. Com isso, acabamos nos acostumando a olhar, falar, ouvir e comentar sobre fraquezas, defeitos, pecados e problemas. As virtudes, as conquistas, as descobertas da ciência, as belezas da natureza vão gradativamente perdendo espaço para as notícias ruins, filmes de violência, corrupção, subornos, maldades, etc. Isso acontece até mesmo nos desenhos animados. Já viram as violências que o pobre Tom sofre há anos do “inocente” Jerry?

Ao olhar nossa indústria de base florestal, vemos como gera riquezas, trabalhos e conquistas - no Brasil, representa cerca de 4% do Produto Interno Bruto (PIB) e consta como a segunda maior atividade do agronegócio nacional, só perdendo, até agora, para o complexo-soja. Entretanto, temos alguns pruridos para ocupar esse lugar no pódio, já que acreditamos que a sociedade só enxerga nossos pontos negativos. Ficamos, então, tentados a nos ocultar ou a focalizar nossas atividades em explicações sobre os nossos “problemas de interesse público”. Continuamente, a opinião pública recebe informações sobre as florestas plantadas e suas “potenciais mazelas”, sobre os “mitos dos eucaliptos e dos pinheiros” e sobre nossos mínimos impactos ambientais. No entanto, poderíamos contar tantas coisas boas sobre nós. Temos definitivamente um grande número de virtudes, construídas em função de nossos sonhos, idéias, vontade, determinação e muito trabalho - a começar por nossos produtos. Apesar das repetidas ameaças, os itens de papel continuam vigorosos, crescentes, a ocupar novos espaços na sociedade. Nossos pro-

duto são valiosos, pois ajudam a registrar, transferir, embalar, limpar, conservar, armazenar, absorver e tantos outros verbos mais. Poucas são as indústrias que produzem bens capazes de penetrar tão livremente em todos os lares em quaisquer lugares do planeta. Sempre conosco, estamos continuamente a apalpá-los, tocá-los, manuseá-los, cheirá-los e até mesmo comê-los. O papel, a celulose e seus derivados são partes essenciais da natureza. Nossos produtos consistem em recursos naturais que provêm de insumos renováveis; logo, estamos cada vez mais a produzi-los de forma sustentável. Mais recentemente, descobrimos que podemos nos tornar empresas mais cidadãs e próximas às comunidades, com integração cada vez mais intensa na responsabilidade social corporativa. A cultura do desenvolvimento sustentável rapidamente ganha força com os empresários e os trabalhadores de nossa indústria, algo que a implantação das normas da série ISO 14000 e da certificação florestal foram hábeis em introduzir. Começamos a praticar isso timidamente, mas agora estamos todos gostando deste jogo da sustentabilidade. O futuro nos reserva empresas e pessoas definitivamente melhores - e não piores, como teimam em proclamar os “pregadores do mundo do menos”.

Poucas indústrias podem se orgulhar, como nós, das taxas de reciclagem de seus produtos. No Brasil, o índice do setor já atinge 45%, mas certamente é ainda maior, já que muitos papéis produzidos aqui acabam sendo reciclados em outros países, já que o papel está entre as embalagens favoritas dos produtos que exportamos. No caso do papelão ondulado, estamos no pódio, com cerca de 75% de reciclagem, e gerando milhares de postos de trabalho na população mais humilde.

Na questão ambiental, temos evoluído muito rapidamente em nossas florestas e fábricas: mudamos tecnologias de produção, construímos fábricas mais ecoeficientes, minimizamos impactos,



Por Celso Foelkel,
Vice-presidente da ABTCP e consultor
da Grau Celsius/Celsius Degree
www.celso-foelkel.com.br
E-mail: celso@abtcp.org.br

www.celso-foelkel.com.br/artigos6.html

diminuímos consumos de nossos insumos (que são recursos naturais), fizemos crescer florestas plantadas geradoras de oxigênio e consumidoras de gás carbônico, preservamos mais e mais áreas com bosques naturais (cuja biodiversidade se enriqueceu como nossa ação), prevenimos e tratamos a poluição, adotamos técnicas de reciclagem de resíduos, etc., etc. Isso e muito mais... Estamos, ainda, longe da perfeição, mas evoluímos muito. Sempre haverá muito a fazer, mas criatividade e determinação não nos faltam.

Energeticamente, somos uma indústria baseada na fotossíntese e na auto-suficiência. Consumimos muitos combustíveis renováveis, como o licor negro e as biomassas; temos processos que nos levam à auto-suficiência na geração de calor e de energia elétrica; estamos cada vez mais reduzindo nossos consumos específicos de energia e vapor. Algumas de nossas empresas já possuem excedentes energéticos para dispor às populações das vizinhanças.

Nossa indústria também divulga pouco o enorme trabalho de inovação

e de desenvolvimento tecnológico, o que permitiu avanços de nossas tecnologias florestais e industriais. Conseguimos, com isso, a admirada competitividade mundial em fabricação de celulose. Em geral, nos esquecemos da grande geração de conhecimentos tecnológicos do setor, o que se traduz em riquíssimos trabalhos técnicos em revistas, congressos e acervos das próprias empresas, associações técnicas e universidades. Assim, evoluímos, crescemos e adquirimos a requerida competitividade. Somos globalmente admirados por essa tecnologia florestal e de produção de celulose e papel de eucaliptos. No início da década de 1970, quando o mundo praticamente desconhecia o papel e a fibra de eucalipto, fomos capazes de aceitar o desafio de introduzi-los. Com planejamento, determinação e trabalho, fomos capazes de desenvolver toda uma indústria baseada nessa matéria-prima. Hoje, temos a maior competência em fabricar esses produtos e somos líderes mundiais nessa matéria-prima. Recentemente, fomos aclamados como os criadores dessa tecnologia de ruptura e nos tornamos capazes de conquistar os mercados com os eucaliptos - isso tudo em menos de 30 anos!

Outras fantásticas características do setor: a dedicação e a camaradagem dos trabalhadores, que acreditam em nossa indústria, pela qual se deslocam muitas vezes para lugares distantes com suas famílias. A amizade entre as pessoas do setor é algo fortíssimo. Nós gostamos uns dos outros. Prova disso é o enorme sucesso do Congresso e Exposição Anual da ABTCP, evento do qual participam mi-

lhares de pessoas que, todos os anos, se deslocam a São Paulo com forte ênfase no relacional, para se encontrar, conversar e se atualizar. Gostamos de estar juntos, de saber mais sobre os outros, de aplaudir os amigos e de “focar” sobre os feitos do passado, os acontecimentos do presente e as possibilidades para o futuro. Volta e meia a tristeza nos invade quando tomamos conhecimento da perda de algum parceiro de nossa rede relacional. Somos definitivamente uma família.

Pelo fato de nossos produtos serem considerados *commodities* de produção e uso intensivos, queremos sempre produzi-los de forma eficaz e eficiente. Com isso, adquirimos muita competitividade, como resultado de nossas estratégias e de nossa gestão. Sempre almejamos a liderança onde estamos. Somos naturalmente competitivos. No Brasil, fomos pioneiros na implantação das normas das séries ISO 9000 e 14000, de segurança e responsabilidade social e também da certificação florestal. No início da década de 1990, quando muitas indústrias reclamavam das normas ISO, acusando-as de barreiras não-tarifárias às nossas exportações, o setor se posicionou em busca da certificação. Diversas empresas nacionais lideraram esse processo e figuraram como as primeiras no Brasil e nas Américas a obter tais certificações.

Com tudo isso, podemos ter orgulho de estarmos ajudando nosso país a ser melhor, cada vez melhor. Ao participar dessa rede produtiva, atuamos na construção - e não na destruição. Estamos, então, agregando valor ao nosso setor e ao Brasil. Quantas vezes poderíamos ter desanimado quando nossa

indústria viveu momentos de crises devido à queda nos preços, às mudanças substanciais na taxa de câmbio, às dificuldades políticas ou macroeconômicas ou, ainda, à redução temporária da demanda por nossos produtos?

Portanto, amigos, também não desanimaremos agora, quando tanta coisa ruim se fala e tem vindo à tona nas notícias sobre nosso país e seus governantes. Não precisamos esmorecer ao enxergar o ruim, o que não presta, aquilo que polui nossa alma e o nosso país. Temos muito de bom entre nós. Por isso, escrevi a vocês esta coluna, procurando mostrar também o bem que encontramos a todo momento no trabalho dentro de nosso setor. Com certeza, isso também ocorre em muitos outros setores. Temos trabalhado duro, com esforço e dedicação. Conseguimos mudar nossa indústria para muito melhor. Temos capacidade para isso e para construir um Brasil muito melhor. *Confiança* é uma palavra que, aparentemente, está em falta no Brasil de hoje. Vamos, então, confiar mais, exigir mais confiabilidade dos outros e de nós próprios. Saberemos reverter esse descrédito dos dias de hoje, pois já enfrentamos situações mais críticas no passado e vencemos.

Se fomos capazes de colocar nosso setor em posição de eficiente, produtivo, competitivo e sustentável, continuaremos a colaborar para conseguir o mesmo para toda a nossa nação. Com nosso esforço, estaremos ajudando a construir uma pátria melhor, mais digna e justa. Nossa sustentabilidade futura está, mais uma vez, nas nossas mãos no presente. O futuro se constrói hoje, e o futuro desejado não é obra do acaso. ▲

Errata



Estas duas fotos foram publicadas na reportagem Mercado, págs. 56 e 57 da edição de junho da revista O Papel. O crédito da foto maior e a legenda saíram errados. As duas fotos são de divulgação da empresa Sonoco do Brasil; nenhuma delas é da empresa Wilke, como foi mencionado na reportagem. A foto menor mostra alguns itens da linha de produtos da Sonoco do Brasil, e a foto maior mostra a linha de produção da empresa. A Sonoco do Brasil fabrica 3 mil toneladas de tubos de papelão por mês.